

## ORGANIZAÇÃO TÓPICA NA INTERAÇÃO EM REDE: ASPECTOS TEXTUAIS, CONTEXTUAIS E DE COERÊNCIA<sup>1</sup>

Rivaldo Capistrano Júnior<sup>2</sup>  
Vanda Maria da Silva Elias<sup>3</sup>  
Maria da Penha Pereira Lins<sup>4</sup>  
Gil Negreiros<sup>5</sup>  
Geralda de Oliveira Santos Lima<sup>6</sup>

**Resumo:** Neste artigo, definimos como recorte temático um estudo sobre a topicalidade e a construção da coerência em textos produzidos em ambiente de rede. Supondo que os estudos do texto, como empreendidos na abordagem sociocognitiva, podem servir, sim, de orientação teórica para descrição e análise de textos em contextos propiciados por tecnologias atuais de comunicação e interação, pretendemos neste trabalho responder às seguintes questões: como descrever e analisar a topicalidade e coerência textual em textos produzidos em rede? Para os linguistas de texto, quais as demandas teóricas e analíticas advindas dessas produções em rede em razão das formas de interação e de colaboração possíveis aos sujeitos/usuários da rede? Observando o objetivo embutido nessas questões de realizar um estudo sobre a topicalidade e a sua contribuição para a construção da coerência em produções textuais situadas em ambiente de rede, servimo-nos de textos extraídos da rede social Facebook para a análise do tópico, sua instauração, progressão no processo interacional e sentidos possíveis. Os resultados indicam que a abordagem sociocognitiva para os estudos do texto em mídias tradicionais pode servir de ponto de partida para os estudos das produções hipertextuais, no entanto, necessário se faz que o analista promova atualizações nos procedimentos teóricos e metodológicos requisitados pela especificidade dessas produções.

**Palavras-chave:** Facebook. Organização tópica. Coerência

**Abstract:** In this paper, we define as the thematic focus a study on topicality and the construction of coherence in texts produced in social network environment. Assuming that textual studies, as undertaken in the sociocognitive approach, may work as a theoretical guide for text description and analysis in provided contexts by current communication and interaction technologies, we intend to answer the following questions: how to describe and analyze textual topicality and coherence in texts that are produced in social network? What are the theoretical and analytical demands arising from these network productions due to the forms of interaction and possible collaboration to the network subjects/users for text linguists? Observing the embedded aim in these questions to conduct a study on topicality and its contribution to the construction of coherence in textual productions situated in a network environment, we use texts from the social network Facebook for the topic analysis, its establishment, progression in the interational process and possible meanings. The results indicate that the sociocognitive approach towards text studies in traditional media may serve as a starting point for hypertextual

---

<sup>1</sup> Este texto é uma versão revisada e ampliada da que foi publicada em Capistrano Júnior e Elias (2018; 2019).

<sup>2</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. r.capistrano@uol.com.br

<sup>3</sup> Universidade Federal de São Paulo, Guarulhos, SP, Brasil. vanda.elias@gmail.com

<sup>4</sup> Universidade Federal do Espírito Santo, Vitória, ES, Brasil. mpenhalins@gmail.com

<sup>5</sup> Universidade Federal de Santa Maria, Santa Maria, RS, Brasil. gil.negreiros@ufsm.br

<sup>6</sup> Universidade Federal de Sergipe, São Cristóvão, SE, Brasil. geraldalima.ufs@gmail.com

productions studies, however, it is necessary that the analyst promote updates on the theoretical and methodological procedures required by these productions specificity.

**Keywords:** Facebook. Topic Organization. Coherence.

## **Introdução**

Considerando que a comunicação interativa na cibercultura estrutura-se hipertextualmente, pesquisas em Linguística Textual (LT, daqui em diante), como as de Elias (2012; 2015; 2016), Elias e Cavalcante (2017), Capistrano Júnior e Elias (2018; 2019), voltam-se para a análise de textos na *Web*, cujas peculiaridades dos modos de produção, circulação e recepção vêm impulsionando pesquisas e reflexões no sentido de (re)definir conceitos e critérios de descrição e análise.

Nesse sentido, pretendemos, neste artigo, nos posicionar em relação às seguintes questões: (i) como as noções de tópico e coerência podem ser aplicadas em estudos sobre a produção textual em rede? (ii) quais contribuições estudos do texto na abordagem sociocognitiva oferecem para a descrição e análise de textos produzidos graças a recursos tecnológicos que atualizam constantemente as nossas formas de comunicação e interação?

Em nossa reflexão, assumimos os seguintes pressupostos e posicionamentos:

(i) toda e qualquer produção textual envolve uma complexidade de fatores atinentes ao uso da língua e a interesses em jogo, no curso mesmo da interação, razão pela qual o processamento depende não só de características textuais, como também de características dos usuários da língua (objetivos, convicções, conhecimentos);

(ii) os interlocutores cooperam e negociam significados e posições no contexto da situação em um processo discursivo, dinâmico, relacional e ativo constituído por complexas e múltiplas camadas de significação (KOCH; ELIAS, 2016);

(iii) a constituição do texto e de seu sentido requer uma multiplicidade de operações cognitivas interligadas o que, segundo Koch (2015), significa dizer que essas operações são o resultado da interação de várias ações praticadas pelos sujeitos de forma negociada e situada;

(iv) os eventos linguísticos comunicativos não são a reunião de vários atos individuais e independentes, mas realizações que se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente, e o processamento textual demanda atenção não só às características textuais, mas também aos objetivos e conhecimentos dos usuários, estes concebidos como estrategistas;

(v) os textos espontaneamente produzidos e veiculados nas redes sociais se constituem em rico material para a reflexão sobre o uso que fazemos da língua, sobre o modo pelo qual configuramos os textos e sobre as funções que assumem.

Para alcançar o objetivo definido, organizamos o artigo da seguinte maneira: a primeira seção trata da concepção de texto, contexto e hipertexto, que constitui o quadro teórico mais amplo no interior do qual desenvolvemos conceitualmente a noção de topicalidade e coerência (seção 2). Na sequência (seção 3), tratamos de textos produzidos em rede, caracterização quanto ao modo de produção, organização e progressão tópica e a produção da coerência. Por fim, indicamos na conclusão a contribuição do estudo por ora realizado.

### **Texto, contexto e hipertexto**

Para fazer jus ao texto em toda a sua complexidade constitutiva, é preciso defini-lo com cautela. Sabemos, ainda, que seu conceito pode variar de acordo com os objetivos de uma pesquisa e com a sua filiação teórico-metodológica.

Neste trabalho, partindo do pressuposto básico de que o processamento de todo e qualquer texto depende não só dos elementos que o constituem, como também de aspectos sociocognitivos dos usuários (KOCH, 2015), adotamos, com base em Beaugrande (1997), Koch e Elias (2016), Cavalcante (2018), o seguinte conceito:

- o texto é uma realização humana, que assume uma dada configuração espaço-textual, organizada sobre determinado suporte, em interações situadas e ancoradas em processos cognitivos e aspectos socioculturais, constituindo-se num evento comunicativo singular.

Independentemente do seu tamanho ou da sua configuração, cada texto evidencia um projeto de dizer. Segundo essa perspectiva, a seleção e o modo de organização dos elementos que lhe são constitutivos (verbais e não verbais), de uma determinada maneira, apontam para sistemas de conhecimentos de natureza diversa, bem como para a intencionalidade do sujeito, uma vez que, com a linguagem, agimos sobre o outro, influenciando sobre a maneira de pensar e sobre o comportamento, ou fazendo com que o outro compartilhe de nossas opiniões (ELIAS, 2016). Nesse sentido, todo texto assinala ou explicita uma direção argumentativa, conforme Koch (2002a).

Considerando, pois, que os textos são incompletos ou implícitos, visto que a maior parte do conhecimento compartilhado não precisa ser explicitada, a coerência é uma construção “situada” dos interlocutores (KOCH, 2015, p. 55). Longe, portanto, de ser uma propriedade que

pode ser localizada ou apontada no texto, a coerência é fruto de uma atividade de processamento cognitivo altamente complexo e colaborativamente construído, como afirma Marcuschi (2007).

Ainda segundo o autor, trata-se de algo dinâmico que se encontra mais na mente que no texto e, sendo assim, “mais do que analisar o sentido que um texto pode fazer para seus usuários, trata-se de observar o sentido que os usuários constroem ou podem construir para suas falas” (ou escritas) (MARCUSCHI, 2007, p. 13).

A compreensão do texto como uma *entidade multifacetada* cuja constituição envolve linguagens variadas e conhecimentos pressupostamente compartilhados demanda uma concepção de contexto que põe em saliência o que os sujeitos possuem como modelos mentais que são ativados na interação, considerando que esses modelos dizem respeito a como essas representações ocorrem no plano das relações entre os sujeitos situados social, histórica e culturalmente.

Assim sendo, é necessário definir o contexto e fazê-lo em termos de um modelo mental dinâmico, ou seja, levando em conta como os falantes se representam a si próprios e aos outros participantes, bem como as outras dimensões relevantes do evento comunicativo.

Nesta nossa reflexão, o contexto não se restringe ao contexto (cotexto) linguístico entendido como o que antecede ou sucede determinada fração textual; também não se limita ao que se concebe como situação imediata ou mediata nem se trata apenas do que os sujeitos armazenam na memória como resultado de suas experiências, mas, sim, de uma conjunção de elementos de ordem verbal e não verbal, cognitiva e social (KOCH, 2002b; KOCH; ELIAS, 2016). Trata-se, portanto, de uma interpretação subjetiva, embora fundamentada socialmente, que os interlocutores produzem sobre as situações comunicativas, com fundamental importância na construção da coerência.

Em uma visão plástica decorrente de uma abordagem sociocognitiva na qual situamos o texto, o contexto é entendido como uma coconstrução negociada, situada e dinâmica, cuja (re)configuração pressupõe os sujeitos, seus papéis sociais, suas crenças, seus conhecimentos e os diversos elementos que os participantes de uma interação tomam como relevantes em eventos comunicativos específicos (KOCH, 2015; KOCH; CUNHA-LIMA, 2005; VAN DIJK, 2012). Por isso, o contexto é dinâmico e (re)definido durante todo o processo de interação. De acordo com essa visão, cada sujeito constrói, com base na sua experiência do dia a dia, representações cognitivas, que são únicas e individuais. Essas representações pessoais desempenham papel fundamental na produção e compreensão do texto, uma vez que são ativadas e atualizadas de acordo com o chamado modelo de contexto (VAN DIJK, 2012).

De caráter pragmático, os modelos de contexto representam parâmetros da situação da comunicativa (cenário, participantes, objetivos) que os sujeitos julgam relevantes e que lhes permitem adaptar o dizer ao conhecimento que acreditam que o outro possui. Desse ponto de vista, o contexto não só orienta forma(s) de organização textual de um determinado gênero discursivo, a partir do qual se dá a interação, a adequação do tópico discursivo e, conseqüentemente, o conjunto de referentes atinentes a esse tópico, mas também é afetado pelas ações dos sujeitos, os quais interpretam mutuamente pistas (con)textuais e, com base nisso, projetam sua atividade discursiva.

Estudos sobre o contexto situados nesse espectro vêm ganhando espaço na agenda dos estudiosos de texto ao lado de outros temas como a coerência, abordada anteriormente; a topicalidade, que será discutida em seção posterior; e o hipertexto, que tem se constituído como objeto de investigação desde os anos 1990, de modo especial, na linguística textual alemã cujos estudiosos vêm providenciando conceitos e métodos para a análise de textos cada vez mais complexos (BLÜHDORN; ANDRADE, 2009), bem como na linguística textual brasileira (MARCUSCHI, 1999; 2007; KOCH, 2002b; 2007).

A partir de então, as pesquisas sobre o hipertexto vêm focalizando aspectos como traços característicos desse modo de produção e leitura, suporte, imbricação fala/escrita, emergência de novas práticas comunicativas e convergência de linguagens e mídias, segundo aponta Elias (2012).

Esse processo de complexificação exige dos linguistas de texto o desenvolvimento de modelos teórico-analíticos para o tratamento de fenômenos linguísticos e textuais que, constituídos no contexto da cultura digital, requerem a (re)elaboração de conceitos e a descoberta de procedimentos capazes de dar conta dos muitos aspectos envolvidos nos processos de produção e compreensão de textos como, por exemplo, a topicalidade.

### **Tópico discursivo**

Na LT, conforme Barros (2017), há um interesse crescente no estudo do tópico discursivo, e sua noção difere, em parte, na Análise da Conversação (AC). A LT, mesmo operando os princípios do foco, da centração e da organicidade, busca descrever, analisar e explicar a organização tópica em textos diversos, no intuito de uma compreensão mais global dos processos de regularidade da organização e da progressão textual. A AC, por sua vez, prioriza a conversação e o comportamento colaborativo dos sujeitos no gerenciamento tópico (BARROS, 2017).

Segundo Cavalcante, Pinheiro, Lins e Lima (2010), no Brasil, a noção de tópico discursivo é descrita, no âmbito dos trabalhos do subgrupo Organização Textual-Interativa do Projeto Gramática do Português Falado (PGPF), como uma categoria analítica de estatuto textual.

Definido, inicialmente, por Jubran *et al.* (1992), como uma categoria abstrata, primitiva, que se manifesta na conversação, mediante enunciados formulados pelos interlocutores a respeito de um conjunto de referentes explícitos ou inferíveis, concernentes entre si e em relevância num determinado ponto da mensagem (1992, p. 361), o tópico discursivo abrange duas propriedades: a centração e a organicidade.

A *centração* (“sobre o que se diz”) consiste no inter-relacionamento das unidades temáticas do texto, convergindo para um eixo central e abrange os traços de concernência, relevância e pontualização: (i) concernência: relação de interdependência semântica entre os enunciados – implicativa, associativa, exemplificativa ou de outra ordem – pela qual se dá sua integração no referido conjunto de referentes explícitos ou inferíveis; (ii) relevância: proeminência desse conjunto, decorrente da posição focal assumida pelos seus elementos; (iii) pontualização: localização desse conjunto, tido como focal, em determinado momento da mensagem (JUBRAN *et al.*, 1992, p. 361).

No entanto, Jubran (2006b), ao incorporar em seus estudos uma noção mais ampla de interação, ressalta a insuficiência do léxico para a construção dos sentidos e o caráter não apriorístico e instável dos objetos de discurso (ou referentes). Nesse sentido, para a autora, a propriedade de centração, tal como aparece no trabalho de 1992, apoia-se na função representacional e “não abarca a contrapartida interacional, pertinente a uma abordagem textual-interativa do texto” (JUBRAN, 2006b, p. 35). Ela propõe que as noções de concernência, relevância e pontualização, abrangidas pela centração, sejam revistas: (i) a concernência: relação de interdependência entre elementos textuais, firmada por mecanismos coesivos de sequenciação e referenciação, que promovem a integração desses elementos em um conjunto referencial, instaurado no texto como alvo da interação verbal; (ii) a relevância: proeminência de elementos textuais na constituição desse conjunto referencial, que são projetados como focais, tendo em vista o processo interativo; (iii) a pontualização: localização desse conjunto em determinado ponto do texto, fundamentada na integração (concernência) e na proeminência (relevância) de seus elementos, instituídas com finalidades interacionais (JUBRAN, 2006b, p. 35).

A organicidade (“como se trata o que se diz”), outro traço identificador do tópico discursivo, diz respeito ao seu desdobramento em tópicos coconstitutivos, ou seja, em

subtópicos. Sua manifestação pode ser observada na linha discursiva por meio de relações de interdependência tópica em dois planos: sequencial (horizontal) e hierárquico (vertical).

O plano sequencial indica, em termos de adjacência, as articulações intertópicas (continuidade), “com abertura de um tópico subsequente somente quando o anterior é esgotado” (PINHEIRO, 2005, p. 26) ou as interposições tópicas (descontinuidade), ou seja, uma quebra ou ruptura na sequencialidade linear do texto. Diferentemente da categoria da continuidade, na qual, segundo Jubran 2006a, um novo tópico é iniciado quando o anterior é finalizado no que se refere ao seu desenvolvimento temático, a categoria de descontinuidade consiste na inserção de tópicos constitutivos de um quadro tópico entre tópicos de um outro quadro tópico.

Sequencialmente, portanto, a progressão tópica pode se realizar de maneira contínua ou descontínua (KOCH, 2008). Neste trabalho, entendemos que a continuidade tópica envolve tanto a rigorosa manutenção do tópico em andamento, como também, com base em Galembeck (2017), a ampliação/expansão tópica, estratégia que reforça a focalização do tópico em andamento, por meio do fornecimento de informações complementares ou adicionais. Em outras palavras, a continuidade tópica diz respeito aos conjuntos de segmentos tópicos que estão direta ou indiretamente relacionados com o tópico central. Já a descontinuidade tópica abarca as diferentes estratégias de mudança, de ruptura do tópico em andamento, ocasionando a desfocalização do tópico central e a focalização de um novo tópico.

Por sua vez, o plano vertical diz respeito ao estabelecimento de relações hierárquicas de superordenação e subordinação entre tópicos segundo o grau de abrangência dos assuntos abordados. Dependendo do ponto de vista do analista, um tópico pode se constituir, ao mesmo tempo, num tópico mais abrangente (supertópico) ou em tópico coconstituente (subtópico) (LINS *et al.*, 2017).

Em 2010, Cavalcante *et al.*, em revisão do trabalho de Jubran (2006b), evidenciam a natureza sociocognitiva do tópico discursivo. Para os autores, a centração, firmada por processos de referenciação, é estabelecida por cadeias referenciais expressas cotextualmente ou por outros dados do entorno sociocultural e situacional dos sujeitos. Da mesma forma, as relações de interdependência entre tópicos (a organicidade) se constroem sociocognitivamente com base nas pistas do contexto.

Além disso, os autores enfatizam a relação intrínseca entre os processos de referenciação e o gerenciamento tópico: “estes processos, que dizem respeito à referenciação e à progressão e organização tópica do texto/discurso estão profundamente enraizados na dinâmica sociocognitiva e discursiva da interação” (CAVALCANTE *et al.*, 2010, p. 233). Nesse sentido, a referenciação, como um importante fio condutor de base, contribui não só para o

estabelecimento e para a apreensão de relações temáticas, mas também para a instauração do tópico, orientando a construção de representações globais do texto. Portanto, tópico discursivo, fio unificador e estruturador que perpassa o texto, assim como a referenciação apontam para dois aspectos fulcrais e interdependentes na negociação de sentidos: a progressão textual e a coerência.

Com base no exposto, defendemos que a topicalidade é um princípio cognitivo-interativo de natureza textual, que norteia os processos de produção e recepção de textos. Cognitivo, uma vez que o tópico é apreendido, mantido ou descontinuado tendo em vista não só estados de consciência (CHAFE, 1994) e de (des)focalização da atenção (SCHNOTZ, 2009), mas também o compartilhamento de conhecimentos. Interativo, porque o gerenciamento tópico pressupõe a colaboração entre os sujeitos, uma vez que suas ações se desenrolam em contextos sociais, com finalidades sociais e com papéis distribuídos socialmente (KOCH; LIMA, 2005), ou seja, em contextos interativos situados, aquilo que é dito e focalizado é socialmente instituído e individualmente assumido como relevante (VAN DIJK, 2012). Trata-se de uma categoria analítica abstrata, “produtiva para análises tanto de textos orais quanto escritos” (BARROS, 2017, p. 309).

No que se refere à produtividade da noção de tópico na análise de textos diversos, destacamos o trabalho de Lins (2008), que, ao analisar a organização tópica de tiras diárias de quadrinhos, evidenciou como a imbricação verbo-imagética atua na introdução, manutenção/progressão e fim de tópico, pondo em destaque o fenômeno da multimodalidade na continuidade da organização tópica.

Ainda destacamos que a análise da topicalidade, tradicionalmente nos estudos do texto, tem focalizado textos da mídia tradicional. No entanto, diante das interações na *Web*, marcadas pelo poligerenciamento, pela interatividade e participação, pela poligenericidade e politematicidade, pela convergência de mídias e de linguagens, os textos ganham novos contornos no que se refere aos processos de produção, circulação e recepção, o que tem levado estudiosos do texto a repensarem o quadro teórico-metodológico da LT.

A questão que se coloca é pensar em que medida os conceitos e as categorias de análise da LT são úteis e relevantes para os textos na *Web*. Em se tratando do tópico discursivo e de sua inter-relação com a coerência textual, o que pode ser assumido ou até mesmo adaptado? Eis a questão em relação à qual pretendemos nos posicionar neste artigo, considerando os estudos de abordagem sociocognitiva desenvolvidos sobre texto, hipertexto e contexto e como, situados nesse quadro conceitual, as noções de tópico e coerência podem ser aplicadas em um exemplário extraído do espaço de produção e veiculação de textos da mídia social Facebook.

## **Textos na mídia social Facebook: modo de produção, topicalidade e sentidos**

A criação do *Facebook* se deu em 2004 por alunos da Universidade de Harvard com o objetivo de facilitar a comunicação entre eles (BARTON; LEE, 2015). Essa rede social digital promoveu mudanças significativas não só na propagação e na produção de informações, mas também nas relações sociais.

Com 127 milhões de usuários ativos no Brasil<sup>7</sup>, a rede mantém interfaces para diversos dispositivos, promove uma organização de fluxos informacionais em arquitetura hipertextual e dispõe de ferramentas que promovem uma gama de ações, tais como postar, curtir, comentar e compartilhar, possibilitando, assim, a comunicação, a interação e a sociabilização entre as pessoas, o que caracteriza e constitui uma rede social *on-line* (RECUERO, 2009).

De acordo com Blikstein (2017, p. 22), o *Facebook* é uma mídia social que propicia o contato entre as pessoas e pressupõe uma “conversa miúda” com o objetivo de desabafar, expressar suas ideias, emoções, angústias, desejos, sonhos, preenchendo, assim, a função do bate-papo e das conversas para passar o tempo. É um espaço digital, portanto, de participação e colaboração, de trocas de experiências e pontos de vista. No que diz respeito à sua genericidade, o perfil ou a página do usuário, os grupos de interesse, públicos ou privados, constituem uma unidade de interação maior, composta por um agrupamento de textos de diversos gêneros textuais, chamada por Bonini (2011) de hipergênero.

Em relação às suas funcionalidades, “postar” é um recurso de atualização de *status*, que permite ao usuário realizar uma gama de funções discursivas, como expressar opiniões, relatar estados de espírito (BARTON; LEE, 2015). Do ponto de vista textual-discursivo, a postagem iniciadora (ou postagem motivadora) focaliza o conteúdo a ser tratado, ou seja, o tópico discursivo.

Abaixo da postagem iniciadora, o *plug-in* (botão) “curtir” permite aos usuários conectados aprovar (“dar um *like*”) o conteúdo publicado e, mais recentemente, expressar reações e emoções por meio de *emojis*. De acordo com Mittermayer e Santaella (2014), o recurso é um mero dado numérico, que, se for elevado em relação às outras informações publicadas, permite que a postagem iniciadora se mova, ganhando posição de destaque na linha do tempo (*timeline*).

---

<sup>7</sup> *Folha de São Paulo*: Facebook chega a 127 milhões de usuários mensais no Brasil - No país, rede social tem mais usuários ativos do que WhatsApp. Disponível em: <<https://www1.folha.uol.com.br/tec/2018/07/facebook-chega-a-127-milhoes-de-usuarios-mensais-no-brasil.shtml>>. Acesso em: 15 out. 2018.

O botão “compartilhar” possibilita a divulgação e a socialização da informação publicada. A ação de compartilhar permite que o usuário, caso queira, acrescente um comentário ao conteúdo compartilhado (MITTERMAYER; SANTAELLA, 2014).

Por sua vez, “comentar” permite agregar à informação publicada um comentário, cujos propósitos comunicativos vão da manutenção/estabelecimento das relações sociais à manifestação de pontos de vista e de reações, agindo como minifóruns de discussão (BARTON; LEE, 2015).

Para exemplificar o que acabamos de expor, apresentamos o seguinte arranjo textual composto hipertextualmente:

### Exemplo 1



### *Comentários (postagem reativa)*



Figura 1 – Notícia UOL (postagem iniciadora) e Comentários (postagem reativa). Disponível em: <<https://www.facebook.com/UOL/posts/10155297552943239>>. Acesso em: 13 jun. 2018.

A notícia postada trata das práticas cirúrgicas cranianas realizadas pelos incas, e o link presente na postagem iniciadora do Exemplo 1 (<https://www.uol.com.br/tilt/ultimas-noticias/redacao/2018/06/12/incas-tinham-altos-indices-de-sobrevivencia-aposcirurgias-cranianas.htm>) conduz o leitor interessado à notícia na íntegra, que apresenta como chamada “Incas operavam melhor o cérebro do que médicos do século 19”. Até 19 de junho de 2018, a notícia havia gerado 2,1 mil curtidas, 248 compartilhamentos e 58 comentários.

Como observado, trata-se de uma produção hipertextual desenvolvida em torno de um tema proposto cuja expansão também pressupõe a atuação de usuários, em número indefinido, na forma de comentários que podem incorporar em sua produção escrita desenhos, fotos, imagens, cores, variação tipográfica etc.

Os comentários (postagem reativa) são organizados em ordem cronológica, na qual o último comentário apresentado é a contribuição publicada mais recente, e têm como características gerais a informalidade, a constante atualização, o que permite sua edição ou a sua exclusão, e a configuração textual variada. Além disso, os comentários põem em evidência a dupla face da leitura/escrita em suporte digital, visto que os usuários, além de leitores, são incitados a interagir por meio de suas apreciações e opiniões, desencadeadas pela postagem iniciadora ou pelos comentários já elaborados (réplicas).

Embora postagem iniciadora (ou motivadora) e postagem reativa tenham espaços próprios no *Facebook*, a informação adicionada nos comentários se vincula à postagem motivadora, promovendo a (des)continuidade do tópico em andamento e convergindo para um sentido global (coerência). Assim sendo, o texto motivador se desdobra em comentários, os quais, por sua vez, podem gerar outros comentários, já que um usuário pode seletivamente ler qualquer comentário e responder a ele, no momento e ordem que lhe convier.

### **Comentários online, *emojis*, *stickers*, *gifs*, organização tópica e produção de sentidos**

Segundo o site [www.emojipedia.org](http://www.emojipedia.org), em junho de 2018, havia aproximadamente 2.823 *emojis* no UNICODE. Com base nos estudos de Paiva (2016) e de Herring e Dainas (2017), os *emojis* são figuras digitais que simulam elementos multimodais da interação face a face. Trata-se de imagens coloridas de expressões faciais, animais, comidas etc., que, imageticamente, atuam como importantes pistas de contextualização (GUMPERZ, 1998).

Por sua vez, os *stickers*, conforme Seta (2018), são, normalmente, imagens maiores, estáticas ou não, enviadas individualmente, e os *gifs* (Graphics Interchange Format), de acordo com Lupinacci (2016), são animações silenciosas e, frequentemente, cíclicas, amplamente

inseridas em interações das redes sociais digitais, evidenciando emoções, reações em resposta a alguma postagem.

*Emojis*, *stickers* e *gifs* assumem primordialmente função interacional, uma vez que atuam no estabelecimento e/ou na manutenção de contatos. Além disso, essas figuras imagéticas digitais evidenciam estados de espírito dos usuários, uma vez que, com elas, pode-se fazer sorrir, chorar ou fingir algum sentimento segundo a vontade e o estado de espírito dos usuários (COSTA, 2009, p. 141-142).

No exemplo a seguir, focalizamos a função textual-discursiva de um *emoji*:

## Exemplo 2



Figura 2 – Notícia UOL (postagem iniciadora). Disponível em: <[https://www.facebook.com/search/top/?q=UOL%20not%C3%ADcias%20besouro%20escorpi%C3%A3o&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=UOL%20not%C3%ADcias%20besouro%20escorpi%C3%A3o&epa=SEARCH_BOX)>. Acesso em: 02 abr. 2019.

O conjunto de referentes apresentados linguisticamente e imageticamente no texto da notícia aponta para o tópico instaurado: a descoberta do “besouro escorpião” no interior de São Paulo. Isso evidencia como referência e topicalidade são dois aspectos centrais da produção de sentido no texto. O conjunto de referentes orienta e se associa ao tópico e a seus desdobramentos, ou seja, sua subdivisão em tópicos coconstituintes.

A postagem da figura gerou 84 comentários, no entanto, para efeito de análise, selecionamos um comentário que assume a configuração de um *emoji*.

### *Comentário*



Figura 3 – Comentário (postagem reativa). Disponível em: <[https://www.facebook.com/search/top/?q=UOL%20not%C3%ADcias%20besouro%20escorpi%C3%A3o&epa=SEARCH\\_BOX](https://www.facebook.com/search/top/?q=UOL%20not%C3%ADcias%20besouro%20escorpi%C3%A3o&epa=SEARCH_BOX)>. Acesso em: 02 abr. 2019.

Segundo a *emojipedia*<sup>8</sup>, o rosto amarelo gritando de medo 🤪 é representado por grandes olhos brancos, boca longa e aberta, mãos segurando o maxilar e testa azul pálida. No comentário, indica horror e medo.

No que diz respeito à referenciação, seu uso encapsula a reação emocional à postagem, constituindo-se numa marca de posicionamento do usuário e mantendo a focalização no conteúdo da notícia. Conseqüentemente, em relação à topicalidade, o *emoji* propicia a continuidade do tópico em andamento, apresentando ao leitor uma reação em relação à notícia. Trata-se de uma importante estratégia de estado de ativação da informação na memória dos usuários, uma vez que possibilita o reestabelecimento da conexão com o tópico instaurado na postagem motivadora.

### Exemplo 3

#### *Postagem iniciadora*



Figura 4 – Notícia UOL (postagem iniciadora). Disponível em: <<https://www.facebook.com/UOL/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

O tópico que compõe a notícia é a estreia do filme *Dumbo*, da Disney. A postagem, na ocasião da captura da tela, em 31 de março de 2019, gerou 230 curtidas, 16 comentários e 9 compartilhamentos.

Na apreensão do tópico, atuam de modo relevante os referentes apresentados por meio das expressões linguísticas “filme da Disney”, “Dumbo” e por meio da imagem do elefante Dumbo.

<sup>8</sup> <<https://emojipedia.org/>>. Acesso em: 02 abr. 2019.

Para nossas considerações, selecionamos três comentários relacionados à postagem (exemplo 3), agrupados de acordo com a (des)focalização do tópico em andamento.

Comentário com foco no personagem do filme

#### *Comentário 1*

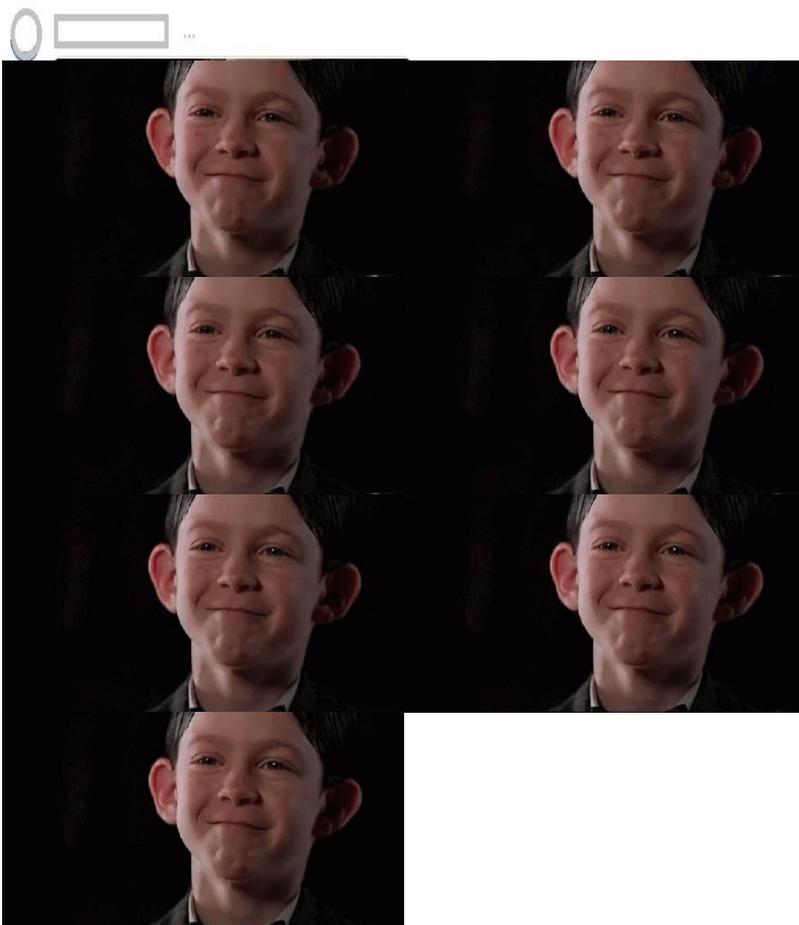


Figura 5 – *Gif* (postagem reativa). Disponível em: <<https://www.facebook.com/UOL/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

O comentário se configura na forma de um *gif* de um menino cujos lóbulos das orelhas se movimentam. Diante disso, a pergunta que nos fazemos inicialmente é: *Mas o que isso tem a ver com o personagem do filme?*

O elefante Dumbo tem orelhas muito grandes, que ele usa para voar. Assim, numa relação intertextual por alusão, entendemos, por meio da mobilização de conhecimento compartilhado, da percepção de intenção humorística, do estabelecimento do intertexto entre o comentário e postagem motivadora, que o *gif* alude ao principal personagem do filme. Desse modo,

• o referente que aparece no *gif* providencia pista sugestiva para a apreensão do tópico em andamento e, conseqüentemente, para a construção da coerência, motor do processo de compreensão no qual o aproveitamento dessas pistas e a cognição interagem dinamicamente (BLÜHDORN, 2008; MARCUSCHI, 2007; ELIAS, 2015).

• a intertextualidade exerce função mediadora no processo de construção da coerência entre os comentários e a postagem motivadora, o que permite o estabelecimento de uma orientação temática entre eles.

### Comentário com foco no filme

#### Comentário 2

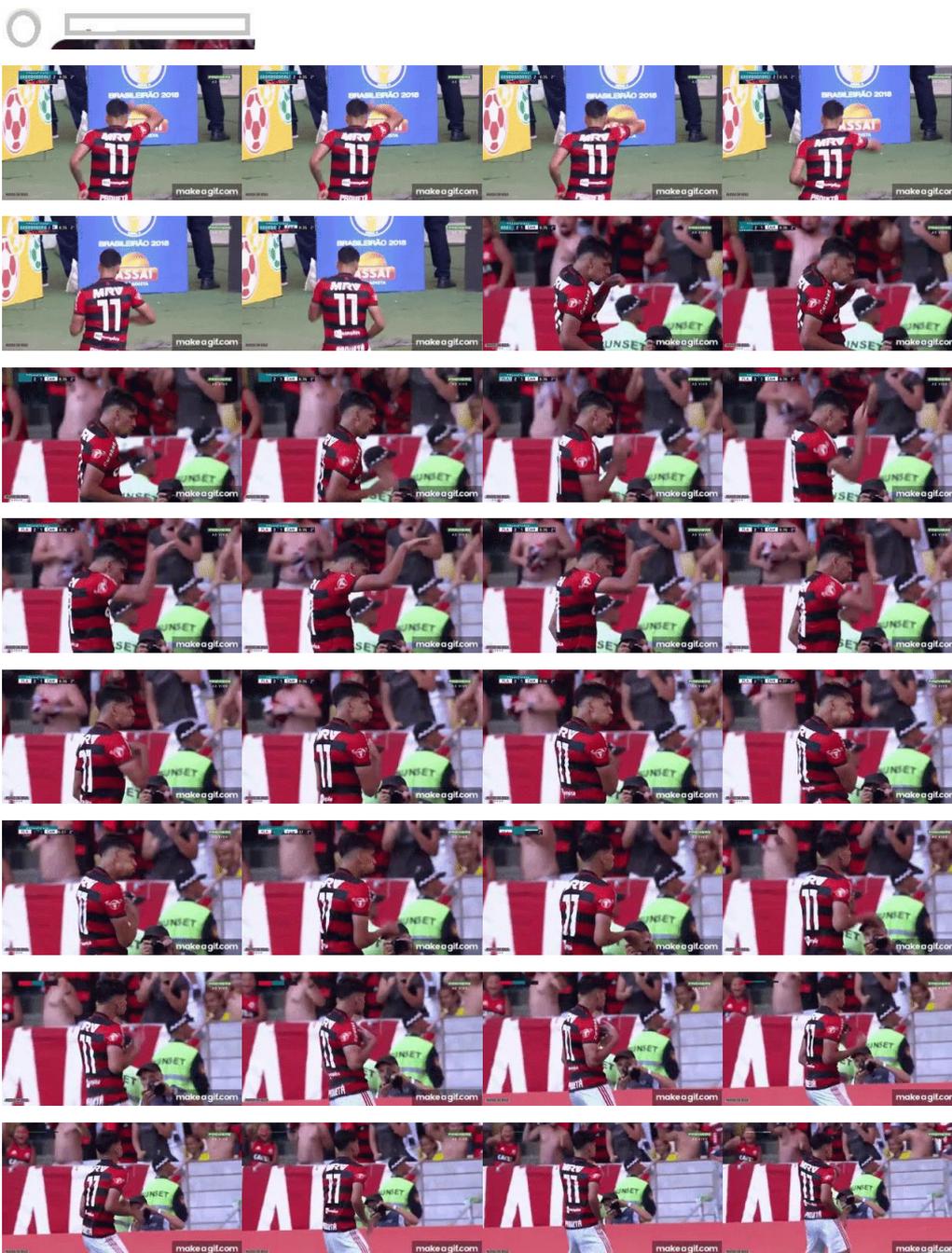




Figura 6 – *Gif* (postagem reativa). Disponível em: <<https://www.facebook.com/UOL/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

O comentário 2 também assume a configuração de um *gif*, no qual aparecem dois jogadores. Inicialmente um deles realiza uma dança coreografada, possivelmente em comemoração a algum gol, uma prática muito comum entre os jogadores de futebol.

O *gif* utilizado sugere a comemoração da estreia do filme *Dumbo*, sinalizando por meio do humor uma reação emotiva e, conseqüentemente, um direcionamento argumentativo.

Comentário com desfocalização dos tópicos em andamento.

### Comentário 3



Figura 7 – Pedido de “amei” (postagem reativa). Disponível em: <<https://www.facebook.com/UOL/>>. Acesso em: 31 mar. 2019.

O comentário 3 inaugura um novo tópico: pedido de curtida para a foto do colégio. Novamente a pergunta que nos fazemos é: *Mas a mudança do quadro referencial e tópico ocasiona uma incoerência?*

Se (i) levarmos em conta o modelo de interação típico das redes sociais digitais com muitos usuários, que buscam dar a sua contribuição, a relevância e a focalização que as informações assumem para cada um, uma contribuição imprevisível pode surgir, como a do comentário 3 e se (ii) pensarmos na direção ou orientação argumentativa dos textos, pode ter sido a intenção do usuário postar o seu pedido na página do UOL do Facebook, para ganhar mais curtidas para sua postagem, tendo em vista o número de usuários da página, o comentário 3, embora cause estranheza, uma vez que rompe com o tópico discursivo focalizado, aponta para as interações socioculturais, para os processos cognitivos e para o uso intencional de recursos de linguagem com determinados propósitos, ancorando a construção da coerência.

Assim, a desfocalização do tópico em andamento e a instauração de um novo tópico não impedem a construção de sentidos. A coerência hipertextual resulta de um trabalho interpretativo baseado em aspectos contextuais e em pistas textuais que orientam as múltiplas conexões que podem ser feitas no interior de um texto, entre textos e contextos. Assim,

[...] diante de um texto em constante reconfiguração devido à colaboração de usuários em interação *on-line*, se conseguimos estabelecer uma relação entre os textos; se podemos identificar uma orientação temática e referentes implicados; se conseguirmos conectar os textos aos contextos humanos em que ocorrem, com toda a sorte de conhecimentos envolvidos nesse empreendimento; se conseguirmos construir para o arranjo textual uma dada moldura que nos permite encerrá-lo momentaneamente num quadro interpretativo, então podemos estender a arranjos

## Conclusão

Com base na reflexão realizada, defendemos que, na análise da progressão tópica e da coerência hipertextual, a postagem iniciadora e os comentários (postagem reativa) não devem ser analisados como textos isolados, mesmo que sejam produzidos por sujeitos sociais distintos e tenham seus próprios espaços.

A postagem motivadora e os comentários são complexos conglomerados de texto em cujo fluxo emergem referentes, aquilo de que se vai tratar, em conformidade ou não com o tópico discursivo instituído (CAPISTRANO JÚNIOR; ELIAS, 2018; 2019). Isso porque o processo interacional no Facebook se assemelha a um conjunto de conversas múltiplas poligeridas, um polílogo (MARCOCCIA, 2004).

Além disso, a recepção descontínua permite que, em algumas situações, os tópicos instaurados nos comentários se afastem da postagem iniciadora, ramificando-se em uma “conversa paralela”. Assim, em decorrência das interações poligeridas, Marcoccia (2004) diz que o surgimento de múltiplas conversas paralelas pode envolver subgrupos de usuários que participam de apenas uma das várias conversas e/ou envolver usuários que participam de várias conversas, repercutindo na dinâmica das interações e, conseqüentemente, no gerenciamento do(s) tópico(s) instaurado(s).

Os comentários, por sua vez, não se sucedem casualmente a um tópico instituído, mas são organizados em sequências, semelhante à conversação, e evidenciam em termos de topicalidade o(s) assunto(s) que os usuários põem em focalização, entendida como a atenção direcionada para o tema em andamento (SCHNOTZ, 2009), e assumem contextualmente como relevante(s) na dinâmica das interações.

Em relação aos recursos imagéticos digitais, os *emojis*, *stickers* e *gifs* (i) estabelecem e mantêm relações interpessoais (função interacional) e (ii) manifestam emoções e sentimentos (função metacomunicativa). Além disso, atuam como relevantes procedimentos de manutenção/expansão tópica, evidenciando um direcionamento argumentativo (função textual-discursiva) e, conseqüentemente, contribuindo para a construção da coerência, conforme defendem Capistrano Júnior e Elias (2018; 2019).

Por fim, em relação à postagem iniciadora e, por conseguinte, ao tópico que lhe é constitutivo, defendemos que os comentários postados podem ser organizados de modo a: (i) ampliar o tópico discursivo em andamento por meio de declarações de acordo ou desacordo em relação à postagem iniciadora, sinalizando pontos de vista e orientações argumentativas; (ii)

não ampliar o tópico discursivo em foco, promovendo uma quebra da coerência local, uma vez que acarretam suspensão temporária do tópico em andamento; (iii) relacionar-se a outros comentários (comentários a comentário), promovendo, em alguns casos, o estabelecimento de novos tópicos discursivos.

A reflexão realizada no presente artigo possibilita-nos afirmar dizer que a produção textual em ambiente de rede solicita dos estudiosos e analistas de textos um olhar atualizado sobre práticas textuais e interacionais empiricamente realizadas nesses novos contextos, bem como sobre modelos teóricos de descrição e análise para que sejam capazes de dar conta da integração de diferentes linguagens no quadro dos diversos sistemas de conhecimento dos sujeitos em situação de interação.

## Referências

BARROS, K. S. M. Linguística Textual e Análise da Conversação. In: SOUZA, E. R. F.; PENHAVEL, E.; CINTRA, M. R. (Orgs.). **Linguística Textual: interfaces e delimitações: homenagem a Ingedore Grünfeld Villaça Koch**. São Paulo: Cortez, 2017. p. 302-334.

BARTON, D.; LEE, C. **Linguagem online: textos e práticas digitais**. São Paulo: Parábola, 2015.

BEAUGRANDE, R. **New foundations for a science of text and discourse: cognition, communication, and freedom of access to knowledge and society**. Norwood, New Jersey, Ablex, 1997.

BLIKSTEIN, I. A função do discurso nas redes sociais digitais. **Revista Discursos Fotográficos**, v. 13, n. 23, p. 13-36, ago./dez. 2017.

BLÜHDORN, H. Coerência no discurso e na cognição. **Caderno de Letras**. n. 24, p. 85-106, mai. 2008.

BLÜHDORN, H.; ANDRADE, M. L. C. V. O. Tendências recentes da linguística textual na Alemanha e no Brasil. In: WIESER, H. P.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Linguística textual: perspectivas alemãs**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 17-46.

BONINI, A. Mídia/suporte e hipergênero: os gêneros textuais e suas relações. **Revista Brasileira de Linguística Aplicada**, v. 11, n. 3, p. 679-704, 2011.

CAPISTRANO JÚNIOR, R.; ELIAS, V. M. A linguística textual e os estudos linguísticos. In: LINS, M. P. P. (Org.). **O lugar na Linguística**. Vitória: PPGEL/UFES, 2019. (no prelo).

\_\_\_\_\_; \_\_\_\_\_. Práticas de escrita no contexto digital: elementos multimodais e coerência textual. In: SANTOS, Z. B.; PIMENTA, S.; GUALBERTO, C. L. (Orgs.). **Multimodalidade e ensino: múltiplas perspectivas**. São Paulo: Pimenta Cultural, 2018. p.157-182.

CAVALCANTE, M. M. Linguística Textual – para onde o Protexeto vai: palestra apresentada ao II Workshop em Linguística Textual: perspectivas interdisciplinares. Vitória: UFES, 29 nov. 2018.

CAVALCANTE, M. M.; PINHEIRO, C.; LINS, M. P. P.; Lima, G. Dimensões textuais nas perspectivas sociocognitiva e interacional. In: BENTES, A. C.; LEITE, M. Q. (Orgs.). **Linguística textual e análise da conversação: panorama das pesquisas no Brasil**. São Paulo: Cortez, 2010. p. 225-261.

CHAFE, W. L. **Discourse, consciousness, and time: the flow and displacement of conscious experience in speaking and writing**. Chicago: The University of Chicago Press, 1994.

COSTA, S. R. **Minidicionário do Discurso eletrônico-digital**. Belo Horizonte: Autêntica, 2009.

ELIAS, V. M. Estudos do texto, multimodalidade e argumentação. **Revista Virtual de Estudos da Linguagem**, v. 14, p. 191-206, 2016.

\_\_\_\_\_. Hipertexto e leitura: como o leitor constrói a coerência? In: CABRAL, A. L.; MINEL, J. L.; MARQUESI, S. C. (Orgs.). **Leitura, escrita e tecnologias da informação**. São Paulo: Terracota, 2015. p. 53-74.

\_\_\_\_\_. Texto e hipertexto: questões para a pesquisa e o ensino. In: MENDES, E.; CUNHA, J. C. (Orgs.). **Práticas em sala de aula de línguas: diálogos necessários entre teoria(s) e ações situadas**. Campinas: Pontes, 2012. p. 81-98.

ELIAS, V. M.; CAVALCANTE, M. M. Linguística textual e estudos do hipertexto: focalizando o contexto e a coerência. In: CAPISTRANO JÚNIOR; R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (Orgs.). **Linguística textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador/PPGEL-UFES, 2017. p. 317-338.

GALEMBECK, P. de T. Linguística Textual e Análise da Conversação: o tópico discursivo e seus processos de expansão. In: CAPISTRANO JÚNIOR; R.; LINS, M. P. P.; ELIAS, V. M. (Orgs.). **Linguística textual: diálogos interdisciplinares**. São Paulo: Labrador/PPGEL-UFES, 2017. p. 189-212.

GUMPERZ, J. J. Convenções de contextualização. In: RIBEIRO, B. T.; GARCEZ, P. M. (Orgs.). **Sociolinguística interacional**. Porto Alegre: AGE, 1998. p. 98-119.

HERRING, S. C.; DAINAS, A. R. Nice Picture comment! Graphics in Facebook comment threads. **Proceeding of the Fiftieth Hawai'i International Conference on System Sciences (HICSS-50)**. Los Alamitos, CA: IEEE, 2017. Disponível em: <<http://ella.slis.indiana.edu/~herring/hicss.graphics.pdf>>. Acesso em: 04 jun. 2018.

JUBRAN, C. C. A. S. et al. Organização tópica da conversação. In: ILARI, R. (Org.). **Gramática do português falado**. Campinas: Unicamp, 1992, p. 357-439.

\_\_\_\_\_. Tópico discursivo. In: JUBRAN, C. A. S.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Gramática do português culto falado no Brasil**. Campinas: Unicamp, 2006a. v. I.

\_\_\_\_\_. Revisitando a noção de tópico discursivo. **Cadernos de Estudos Linguísticos**, v. 48, n. 1, p. 33-42, 2006b.

KOCH, I. G. V. **Introdução à linguística textual**: trajetórias e grandes temas. 2. ed. São Paulo: Contexto, 2015.

\_\_\_\_\_. **As tramas do texto**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2008.

\_\_\_\_\_. Hipertexto e construção do sentido. **Alfa**, São Paulo, v. 51, n. 1, p. 23-38, 2007.

\_\_\_\_\_. **Argumentação e linguagem**. 7. ed. São Paulo: Cortez, 2002a.

\_\_\_\_\_. **Desvendando os segredos do texto**. São Paulo: Cortez, 2002b.

KOCH, I. G. V.; CUNHA-LIMA, M. L. Do cognitivismo ao sociocognitivismo. In: MUSSALIM, F.; BENTES, A. C. (Orgs.). **Introdução à Linguística**: fundamentos epistemológicos. São Paulo: Cortez, v. 3, 2005. p. 251-300.

\_\_\_\_\_; ELIAS, V. M. O texto na Linguística textual. In: BATISTA, R. O. (Org.). **O texto e seus conceitos**. São Paulo: Parábola, 2016. p. 31-44.

LINS, M. P. P. **O tópico discursivo em textos de quadrinhos**. Vitória: EDUFES, 2008.

LINS, M. P. P.; PINHEIRO, C. L.; TOMAZI, M. M.; CAVALCANTE, M. M. Tópico discursivo e transversalidade de temas no ensino de língua portuguesa. In: MARQUESI, S. C.; PAULIUKONIS, A. L.; ELIAS, V. M. (Orgs.). **Linguística Textual e ensino**. São Paulo: Contexto, 2017. p. 129-146.

LUPINACCI, L. Uma imagem (em movimento) vale mais do que mil palavras: GIF animado como recurso expressivo. **Revista Comunicare**, v. 2, n. 2, 2016.

MARCUSCHI, L. A. **Cognição, linguagem e práticas interacionais**. Rio de Janeiro: Lucerna, 2007.

\_\_\_\_\_. Linearização, cognição e referência: o desafio do hipertexto. In: **Língua e instrumentos linguísticos**. Campinas: Pontes, 1999. p. 21-46.

MARCOCCIA, M. Online polylogues: conversation structure and participation framework in internet newsgroups. **Journal of Pragmatics** – an interdisciplinary journal of language studies, v. 36, p. 115-145, 2004.

MITTERMAYER, T.; SANTAELLA, L. Dialogismo no facebook. In: SANTAELLA, L. (Org.). **Sociotramas**: estudos multitemáticos sobre redes digitais. São Paulo: Estação das Letras e Cores, 2014. p. 91-100.

PAIVA, V. L. M. de O. A linguagem dos emojis. **Trabalhos em Linguística Aplicada**, v. 55, n. 2, 2016.

PINHEIRO, C. L. **Estratégias textuais-interativas**: a articulação tópica. Maceió: EDUFAL, 2005.

RECUERO, R. **Redes sociais na internet**. Porto Alegre: Sulina, 2009.

SCHNOTZ, W. O que acontece na mente do leitor? Os processos de construção mentais durante a compreensão textual do ponto de vista da psicologia e da linguística cognitiva. In: WIESER, H. P.; KOCH, I. G. V. (Orgs.). **Linguística Textual**: perspectivas alemãs. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2009. p. 166-185.

SETA, G. Biaoqing: the circulation of emoticons, emoji, stickers, and custom images on Chinese digital media platforms. **First Monday**, v. 23, n. 9, set. 2018.

VAN DIJK, T. **Discurso e contexto**: uma abordagem sociocognitiva. São Paulo: Contexto, 2012.

Recebido em: junho de 2019.

Aprovado em: agosto de 2019.